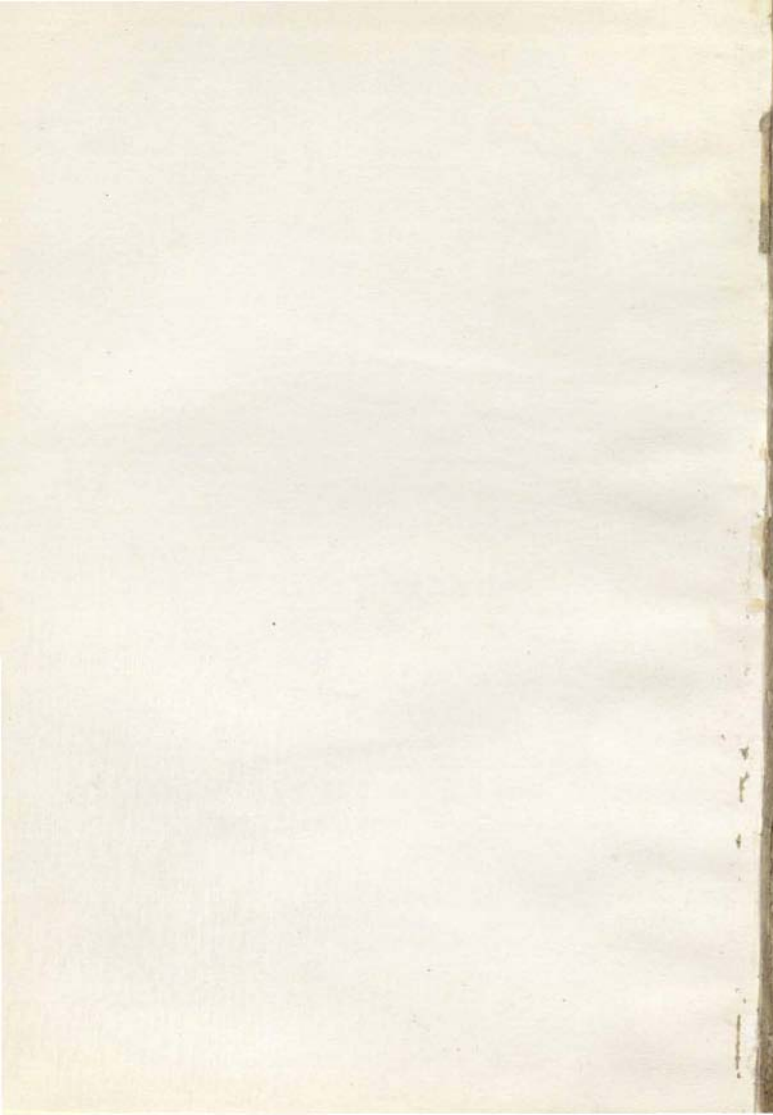


BIBLIOTECA
DO SENADO
FEDERAL

RODOLPHO PAIXÃO

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

V
B869.1
P149
sep
1882



RODOLPHO PAIXÃO

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

POEMETO

VICTOR HUGO E CASTELLAR

SENIO



RIO DE JANEIRO

NA LIVARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR

83—Rua Sete de Setembro—83

PLACIDO DE ABREU	
A crápula, poema realista, segunda edição, 1 v.....	18000
DR. LUIZ CARDOZO	
Collecção de modinhas, recitativos, etc., 1 v.....	18000
CARLOS FERREIRA	
Redivivas poesias 1 v.....	38000
ANTONIO FIGUEIRA	
Adejos 1 v.....	18000
MARIUS	
Volubilis, poesias, 1 v.....	28000
ANTONIO MOREIRA DE VASCONCELLOS	
Aljofaras, poesias.....	18500
JOSE' BAZILIO DA GAMA	
Uruguay, poema.....	18000
CARLOS D'ESTE	
Historiaphobia, lições de historia universal.....	18000
GONCALVES DIAS	
Obras pósthumas, com autographo do immortal poeta 6 v.....	208000
LUIZ JOSE' PEREIRA DA SILVA	
Olnacia, poema romance.....	28000
ARTHUR AZEVEDO	
O dia de finados, satyra com vinhetas.....	8100
JOSE' DE MORAES E SILVA	
Os dous piratas.....	8100
DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO	
Mazellas da actualidade.....	18000
CAETANO DA SILVA	
Folhagens.....	28000
LOPES	
Lamentos, poesias.....	18000
ARAUJO FILGUEIRAS	
Idyllios.....	28000
GOMES LEAL	
A fome de Camões, poema.....	18000
Claridades do sul.....	28000
A trapaça.....	8200
DOMINGOS JACY MONTEIRO	
Canto e Soneto a memoria de Gonçalves Dias.....	8200
LEITE MACHADO	
Amor conjugal, poema em 3 cantos.....	8100
NOVAES	
Novas poesias acompanhadas de um juizo critico de Camillo Castello Branco 1 vol.....	28000

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

VICTOR HUGO E CASTELLAR

SENIO



RIO DE JANEIRO

NA LIVARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES—EDITOR

83—Rua Sete de Setembro—83

✓
B869.1
P149
Sep
1882

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número

3324

do ano de

1974

LÊ DE

A' vós, moços cheios de aspirações e nobres impulsos ; á vós, fronte encanecidas nas lides da vida practica, e em cujos corações, a caridade, essa flôr mimosa, candida e bella, brotada dos labios sacrosanctos do Redemptor, ainda não fôra crestada pelo gêlo da indiferença e do egoismo ; eu offereço este humilde e despretencioso trabalho !

Ahi vereis tres poesias :—a primeira é a filha querida de minha alma ; escrevi-a aos vinte annos, quando alizava os bancos da academia militar, onde formei-me. Foi alli, tendo a meu lado uma pleiade de moços de talento, companheiros inseparaveis de minhas lides litterarias : Henrique Guanabara, mimoso e mallogrado poeta, Pedro Ivo, Luiz Zamith, Dantas Barreto, Corrêa, desse distincto e modesto moço—Urbano Duarte, hoje uma gloria da escola, de Licinio Cardoso, Tito Amaral e muitos outros, que eu alinhavi essas semsaboronas strophes.

Por Deos, não queiraes encontrar n'ellas, fôrma e concepção poeticas, perdereis o vosso precioso tempo! Mas algum direito, ó almas prodigas, têm á vossa bondosa indulgencia.

Sabeis o que são essas strophes? Eu vos digo:—São o grito de uma alma de moço, que estremece a sua patria e não detesta a humanidade, contra a instituição indigna, hedionda e infame, cujo pavilhão denegrido por ahi fluctua e baloiça, aos ventos livres d'esta terra da America!

São um protesto contra a mais monstruosa das iniquidades; contra a mutilação atróz do mais sagrado dos direitos do homem—a liberdade; contra o facto anormal, que nenhuma escola philosophica, á menos que não desfralde os extravagantes principios aristotelicos, póde sancionar e explicar! Por isso desculpae a pequenez do trabalho, pela nobreza de intenção d'aquelle que, fallando pela primeira vez em publico, aos dezaseis annos de idade, foi para defender a lei de 28 de Setembro, que melhorava, de algum modo, as condições d'esses infelizes, creados réprobos pela injustiça dos homens.

Publicando-o, só tenho em mente obter pequeno óbolo, para livrar das garras aduncas do captiveiro, um desgraçado ser, cuja historia vou contar-vos:

Ha dias, indo eu visitar um amigo, encontrei-me com uma senhora da melhor sociedade, representante de uma familia, cujo nome está escripto em muitas paginas gloriosas de nossa historia.

Essa excellente senhora, que muito impressionou-me

pelas suas nobilissimas qualidades, estava acompanhada de interessante moça, de cerca do vinte annos de idade, côr escura, trajada com certo gosto.

Toca muito bem piano e é dotada de uma educação invejavel.

Pois bem, a mãe de tão gentil quão inditoso ente, é captiva ! E mais ainda, no dia em que ella seguia para a igreja, afim de receber os laços matrimoniaes, contara-m'o, a distincta senhora, aquella que lhe deu o ser, marchava, entre dous pedestres, para a correcção ; porque não tinha dado o jornal á tempo !

Olhai bem para esse quadro, fielmente tirado de nossa sociedade, e dizei-me se ha maior dôr para um coração susceptivel de sentimentos delicados; para uma alma cuja intelligencia cultivada, comprehende toda a grandeza da infelicidade e aviltamento que a cêrca ?

E' o que tinha a dizer-vos ; quanto as outras duas poesias, deixo-as ao vosso criterio litterario.

Côrte, Maio de 1882.

RODOLPHO PAIXÃO.

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

ORIGINALS CANADA

SCENAS DA ESCRAVIDÃO



I

Era uma noute bella ! a cupola sombria
Despira pouco á pouco o véo da escuridão ;
E a lua brandamente, á terra que dormia,
Nos raios seus mandava a doce saudação.

.
.

Sahi.... o céu era bello,
A terra bella tambem ;
Queria cantar, qu'ê fado,
De um peito que maguas tem.

Queria, á Deus, minhas queixas
Mandar, em doces endeixas,
Nas azas da viração :
Que o vate, pobre mendigo,
Não tem sequer um amigo
Que o peito lhe escute, não !

Cantei, mas era meu canto
Suffocado pela dor ;
Era o pranto de minha alma,
Qu'eu mandava ao Creador.
N'este silencio de morte,
Dizia, quem de seu norte
A senda procura em vão ?
Quem, dos homens, foragido,
Vem carpir, entristecido,
As maguas do coração ?

Quantas vezes nossa mente
Um pensamento não tem,
Que um facto apóz, sem demora,
No mundo cumpril-o vem ?
Assim foi—no meu roteiro,

Além, diviso um ribeiro,
Mansamente a deslizar ;
E os astros que scintillavam,
De vez, um raio mandavam
As aguas suas beijar ;

Mas emquanto, n'esta scena,
Que prendera os o'hos meus,
Contemplava, extasiado,
A magestade de Deus,
Pelas aguas do ribeiro,
Aos impulsos de um remeiro,
Descia humilde batel ;
E o remeiro maldizia,
Em um canto de agonia,
O seu destino cruel....

O batél que eu divisára,
Na minha frente parou ;
E o trovador, que cantava,
O meu fallar escutou :

—N'este teu batél veleiro,
Pelas aguas do ribeiro,
Onde váes, ó remador ?

Si cantas? eu tambem canto,
Si choras? eu verto pranto
D'um peito que sente dor!

Oh! falla, que eu tambem quero,
Comtigo, vate, cantar :
Que possa sincero canto
Os nossos peitos ligar !

« Eu sou misero prescito,
« Que na fronte traz inscripto
« O signal da maldicção ;
« Tenho um peito nobre, ativo,
« Mas, q'importa? sou captivo,
« Vergonha eterna, irrisão !

« Descreio de Deos, de tudo,
« Não tenho patria nem lar :
« Que Deos se tornara alheio
« A' meu constante chorar!
« Ao nascer fui condemnado
« A' vêr o solo manchado,
« De meu sangue e meu suor ;
« Das turbas escarnecido,
« Sim, que o sangue denegrido
« Não as faz tremer, d'horror!

« Minha mãe, est'hóra, ao tumulto,
« Talvez esteja á descer :
« As carnes rótas estavam,
« O sangue d'ella á correr !
« E a desgraçada gemia,
« Aos açoites que brandia,
« Possante pulso d'algoz.
« De vingança eu tenho sêde,
« Ella, á mim, vingança pede,
« Vergada ao castigo atróz !

« Heide vingal-a, mas, antes,
« Minha irmã quero abraçar ;
« De meu pranto, as faces suas,
« N'um beijo quero molhar :
« E' como orvalho que a rosa,
« Pendida n'has'e mimosa,
« Faz reviver de manhã,
« O rócio que a dôr acalma,
« O rócio que vertem n'alma,
« Os beijos de nossa irmã !

« Quero vel-a, adeus, ao Monge !
« Muito tenho que remar,

« E' bem tarde, ao longe vejo

« A estrella d'alva á brilhar.

Descera o batel veleiro,

Pelas aguas do ribeiro,

Ao sopro da viração ;

O manto niveo vestindo,

A aurora vinha, sorrindo,

Despertar a criação.

II

Ao doce raiar d'aurora,
A noute fugira, breve ;
E a natureza dormente,
Aos raios da luz fulgente,
Se despertára, de leve.

Quantos encantos que vinham
A minha vista prender !
Oh que divina harmonia,
Que minha alma percebia,
Nesse lindo alvorecer !

As aves trinando canções amorosas,
Alegres, saudavam o sol, que surgia ;
E o mundo, que a noute no seio embalára,
Da vida ao bulicio, contente, volvia.

E tudo era bello ! mas ah ! quanta infamia
Formava contraste com tanto esplendor !
A' par d'esse quadro que a mente enlevava,
Que hórridas scenas, que transes de dor !

E os homens propalam á face do mundo :
—Que tudo progride, que o sec'lo é de luz—
Porém não se lembram dos vis desgraçados
Que jazem curvados ao peso da cruz !

Q'importa que o sangue d'irmãos se derrame?!
Q'importa que o negro resvále no chão?!
—Referva nas taças o nectar divino,
Nasceram captivos, maldictos serão!—. . . .

Os céos, a terra, tão bellos,
Tão triste o meu coração !
Esquecer, eu não podia,
A dolorosa impressão.
Oh! não, aquelle prescito,
Pela cobiça maldicto,
Que commigo se encontrou,
As maguas carpindo, terno,

D'amisade, em laço eterno,
O seu peito ao meu ligou :

Si d'um arbusto que medra
Viçoso, lindo, loução,
A seiva que lhe dá vida,
Vem roubar ingrata mão,
Elle murcha, empallidece,
Pouco á pouco des'parece,
Do vento ao rijo soprar :
Assim definham dous peitos,
Que ligam laços estreitos,
Se alguém os vem separar !

Ao Monge, exclamei, ao Monge !
— O trovador quero ver : —
Um peito que d'outro vive,
Como sem elle viver ?

Pelas aguas do ribeiro,
Aos impulsos d'um remeiro,
Humilde batél desceu ;
E quem suas maguas chorava,
No batél que deslizava,
Já sabeis, leitor, ér' eu.

III

Na fralda sombria de um monte elevado,
De densas florestas e bosques cercado,
Nos tempos d'outrora, da fé no esplendor,
Modestas choupanas e um templo fizeram,
Humildes ascétas, onde elles disseram,
Aos filhos das selvas, a vóz do senhor.

E os doces selvagens, que a cruz abraçaram,
Das pobres choupanas, ao lado, fundaram
Aldeia que o nome de—Monge—tomou.

Passaram-se os tempos e a aldeia sumira,
Porém, nos lugares onde ella existira,
Perduram ruínas e o nome ficou.

E d'essas ruínas, á beira de um rio,
Que as selvas inunda fremente, bravio,

Pequenas palhóças se vêm ao redor.
E' tudo tristonho n'aquellas paragens :
Os troncos vetustos, as densas folhagens,
Do sól absorvem a luz e o calor.

Descendo o ribeiro, na margem direita,
Apóz um rochedo, passagem estreita,
Por entre florestas espessas, vereis ;
Por ella seguindo, si virdes um prado,
De flores agrestes repleto e bordado,
Passai-o, que os sitios do—Monge—t-reis.

Eis pois, descripto, do Monge,
O triste lugar, leitor ;
Monge ! que nome sinistro,
Que nome que inspira horror !
Oh ! não ergamos o manto,
De sangue tinto e de pranto,
Que tanta infamia cobriu :

Houve Nobregas, Anchietas,
Sublimes, grandes athlétas
Da fé que nos redimiu !

Os peitos nobres, indomitos,
Auréolas cheias de luz ;

Que nas florestas plantaram
O sancto symb'lo da cruz.
Estes não eram hyenas,
Que as garras vinham, serenas,
No humano seio cravar;
E no sangue crepitante,
Da victima agonisante,
Os labios seccos molhar !

Não foram elles que outr'ora,
Apunhalando a razão,
Atiraram Galiléo
A's portas da inquisição !
Os homens que á Deus trahiam,
Que sob as vestes traziam,
Homicidas, o punhal ;
Que fizeram do sudario,
O mais vil depositario,
Dos beijos da saturnal !

N'esses peitos denegridos,
O crime sempre pairou :
Não foi bastante o anathema,
Do sec'lo que os fulminou !

De sangue sempre sedentos,

Conseguiam seus intentos,

Pervertendo os corações :

D'elles é negra a memoria,

A'quelles, concede a historia,

Fulgentissimos florões.

IV

Descendo o manso ribeiro,
Velóz, ao trilho cheguei,
Que pelos sitios do —Monge—
Vae passar ; por elle andei.
Transpúz espessa floresta,
Onde não vira uma frêsta
Que a luz trouxesse do céu ;
Não tinha medo, que o medo
Não paira em peito, que cedo,
Do mundo e tudo descrêu.

Deixando o covil das fêras,
Quanto não me achei feliz !
Do prado, que flores bordam,
Diviso o lindo matiz.
Alli chego, vóz sonora,

De um peito que triste chóra,

Aos meus ouvidos chegou:

Quem estas doces endeixas,

Soltando, cheias de queixas,

Da lyra a corda vibrou ?

De quem esta alma inditosa,

Que a taça de fêl sorveu ?

De quem o peito partido,

Das miserias, no escarceu ?

De quem a vóz, eu dissera,

Tão triste, que dilacéra

As fibras do coração ?

Eis que de novo rebôa,

Perdida, boiando a tôa,

Pelos mares d'amplidão:

« Ai não blasphemo, que m'importa o mundo,

« Paúl profundo de miserias vis ?

« Q'importam dores, agonias d'alma,

« Si espero a palma n'um viver feliz ?!

« A vida triste, que passado tenho,

« Carpir eu venho na feral soidão ;

« Ai não blasphemo, que de Deus, minha alma
« Espera a palma na feliz mansão !

« Ai não blasphemo, do cruél martyrio
« Leida, em delirio, não maldigo á Deus;
« Ai não ! eu choro, que chorando esta alma
« A dôr acalma dos tormentos seus !

Pé ante pé, me approximo,
Vejo uma mulher, então,
Desfeita em pranto, co'a face
Apoiada sobre a mão.

Seus trajos eram singélos,
Os olhos negros e bellos,
A cutis negra tambem :
Filha da raça maldicta,
Desgraçada ismaelita,
Do mundo eterno desdem !

O tu que chóras, lhe disse,
Porque tu chóras assim ? !
Fallá, que um peito sincero,
Infeliz, terás em mim.

« Porque choro ? E' que a desdita,
« Diz ella, não mais hesita,
« A minha fronte sellou ;

« Sou moça, mas já descrida,
« Aborreço o mundo, a vida,
« Que o mundo esta alma gelou !

« Se visses tua mãe, pendida,
« Do azorrange ao estalar,
« Gritando : O' filho valei-me,
« Vinde meu pranto enchugar !
« E perto, bem perto d'ella,
« Tu não podesses valel-a .
« Naquella triste afflicção ;
« Se visses agrilhãoado
« E sob férros curvado,
« O teu desgraçado irmão;

« Não choráras ? Oh ! e muito,
« Tão duro peito não ha :
« Quem tal vendo, pranto ardente
« Aos olhos seus não virá ? ! »

E em soluços suffocada,
Delirante, desgrenhada,
Concluiu. Chorei tambem :
O vate é sempre sensivel,
Em seu peito ineshaurivel,
O pranto sempre elle tem.

Os olhos, além, volvendo,
Ella atirou-se no chão,
Com vóz dorida exclamando :
« Ai ! é elle, é meu irmão ! »
Um grupo diviso, perto ;
De ferros, todo coberto,
N'elle vinha o trovador ;
Seguiam seus passos tremulos
Dous feitores, dinos emulos
Do tyrannico senhor.

Por nós passando elle pára,
Cheio de pasmo e de horror:
« Adiante ! os feitores bradam,
« Negro não póde ter dôr ! »
M'encarando, elle estremece,
Nessa hora não desconhece
A' quem suas magoas contou ;
E o grupo deixando o prado,
De agrestes flores bordado,
Nas florestas se occultou.

V

Segui-os tristemente e fui em meu percurso,
Sentindo n'alma a dôr das consciencias puras,
Ao ver a scena vil, o deshumano quadro,
Que desdobramos nós ás gerações futuras !

O' vós que daes ao negro a morte, impunemente !
E d'alma lhe roubaes, com cynicas razões,
A doce liberdade, a dadiva sublime,
Que Deus á todos fez sem tôlas excepções,

Medi, eu vos imploro, a vossa iniquidade :
O escravo—esse infeliz—de carne e osso é feito ;
Não vedes que elle tem um peito como o vosso,
Que sob a cutis preta ha corações de eleito ? !

.

Chegamos á senzala, alli se via,
De mãos atadas, c'o pisado sangue
Correndo em borbotão ;

Do vate a velha mãe, desfeita em lagrimas,
Ao barbaro senhor, qu'inda acoitava-a,
Pedindo compaixão !

Volvendo-se, o malvado os olhos préga
No misero captivo, cujos passos
Conhecera, ao entrar.
Satannico sorriso aos labios vem-lhe,
Qual fêra que se alegra, ao vêr a presa,
Onde as garras cravar.

E diz-lhe : Desgraçado o que fizeste ?
« Pensáras, por ventura, eternamente,
« Aos olhos meus fugir ?
« Insensato que foste ! o bosque, a selva,
« A natureza inteira não podia
« Teus passos encobrir !
« Tanta ousadia pagarás bem caro;
« O' lá, feitores, estas pêgas fôra ;
« Amarrem-n'o ao mourão !

Elle ouviu, em silencio, tal infamia,
Tendo na mente da vingança a idéa,
E fêl no coração !

Do senhor, o vergalho estála ainda,
A negra não resiste, já sem forças,

Sobre o chão desfallece !
Da colera o furor os labios sécca,
Do filho, que a mãe vê n'aquelle estado,
E o mourão estremece.

As cordas arrebenta, as mãos dirige
Sobre um punhal, e rapido se atira
Ao barbaro senhor :

« Treme assassino ! minha mãe mataste
« E as nodoas que deixára o sangue d'ella,
« Diz-lhe cheio de dôr :

« Teu proprio sangue, aos céos aqui eu juro,
« Laval-as hade sobre as vestes tuas,
« O' monstro sem igual !
« Soccorro ! vezes tres—, soccorro !—brada
O verdugo feróz, que via proximo,
O momento final.

Seus gritos escutou a terna filha,
Que ao lugar da terrivel scena corre
Veloza, em commoção ;
Oh que aspecto imponente, a virgem candida,
Qual a branca bonina, no desmaio,
Apresentava então !

—Ah! não mateis meu pae,—convulsa exclama,
E offerece o niveo seio, palpitante,
Por elle, á expiação;
Ardente pranto em borbotões jorrava
Dos olhos seus mimosos. Treme o vate,
Cahe-lhe o punhal da mão !

Cedeu ! aquelle peito altivo e nobre,
Ao fitar da candura a doce imagem,
Humilde se curvou !

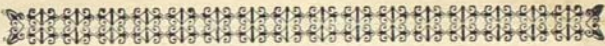
Depois, da pobre mãe, o peito gelido,
D'onde fugira para sempre a vida,
Contra o seu apertou.

Verteu amargo pranto.... não podendo
Tão duros golpes supportar da sorte,
Scismou e enlouqueceu;
Poucos dias, apoz, abrio-se um tumulo,
E alli foi descansar em paz perpetua,
Quem tanto padeceu !

Corte, 1874.

VICTOR HUGO E CASTELLAR

VICTOR WASSERMAN & COMPANY



VICTOR HUGO E CASTELLAR

I

Dois genios collossaes, na fronte excelsa,
Auréola trazem de fulgente brilho :
Atalaias que espreitam, na estacada,
Do sec'lo a marcha ; e se elle deixa a senda
Do progresso, da luz, da liberdade,
Eil-os que surgem no lutar titaneo,
O arrastam do desvio, o abysmo mostram-lhe,
A vereda aclarando entre os cachópos !

Oh ! e a França, a nação das epopéas,
O povo que memora tantas glorias
De um passado de lucta e de fulgores !

A virgem que rasgando o niveo seio
Nos alfanges reaes, banhada em sangue,
Bradara altiva—Liberdade aos povos—!

E a França, de Voltaire, a mãe sublime,
Voltaire—o pensamento, o vasto genio
Que as lettras, a sciencia, o povo e tudo,
Erguera do profundo, immenso pélago!
No seio recebera o fructo excelso,
A estrella cuja luz, primeiro, ao longe...
As trévas devassando aclara o porto.

E a Hespanha, a bella Hespanha destitosa!
Pobre Ashavérus que procura, embalde,
A liberdade, que lhe foge sempre!
Em partilha tivera eximia dadia:
Assim devera ser, dois povos grandes,
Vergonteados de um só tronco, irmãos em tudo,
Merecem contemplar, em doce amplexo,
Tam bellos fructos dos secundos seios!

Esses genios tam grandes como o seculo,
Que as trévas devassando, o mundo guiam,
Que á luz dos verbos avassallam póvos
E os thronos despedaçam n'um momento;
Os astros que alem mostram, entre as brumas,
Replecto d'esplendor, o vasto templo,

Que procura a descrida humanidade,
Onde possa da luz e do progresso
Effluvios aspirar, beber a vida,
Que sente lhe faltar aos lassos membros,
O mundo os chama—Victor Hugo, o craneo,
E Castellar, o verbo, os dois gigantes,
Que nos destroços de corruptos sceptros,
Da liberdade o pedestal assentam !

II

Por entre as franjas do horisonte immenso,
Replecta nuvem, que surgira negra,
Segue do sol o luminoso trilho ;
Augmenta, cresce, accelerando a marcha,
O alcança, ao meio, na veloz carreira,
E sobre a face lhe estendendo o manto,
Cobre de trévas a cerulea abobada :
Rompe-se a nuvem, a tormenta passa,
Da luz aos raios, deslumbrada, a França
Sublime anceia em divinal transporte :
E' do povo o gigante pulso, enorme,
Que despedaça carcomido throno ;
E' Lamartine, o portentoso vulto,
Que arrasta a populaça e nas ruínas
Desfralda altivo a tricolor bandeira !

De novo em trévas se envolvera o espaço,
Funéreo manto se distende ao longe :
E' Bonaparte que desponta lúgubre,
E traz a infamia no corrupto peito,
Nos regelidos labios a perfidia,
Nas descarnadas mãos, de fraticida,
O punhal que da patria o peito rasga,
E a hórrida mortalha, que mais tarde,
Cobril-a deve, de Sedan, no tumulto !

« Detem-te, despota, na furia insana ! »
Herculeo vulto lhe bradára ao longe,
« Detem-te, ! eu surjo na gigante luta,
« E o povo segue, no lutar titaneo,
« O athleta enorme que biparte o gladio,
« No frio peito de cruel verdugo !
Treme o tyranno, empallidece ao brado,
E grita a côrte que lhe beija as plantas :
« Para Jérsey, senhor, exilio ao genio ! »
Oh ! foste louco, que apagar não pode-se,
Um astro, que no gyro, sobre a terra,
Catadupas de luz derrama prodigo !
Da curva que descreve, cada ponto,
Mandára um raio p'ra offuscar-te os olhos !
Desgraçada irrisão gelou-te os labios !

Da triste Jérsey, nos penedos calvos,
Cuspira-te nas faces descoradas,
Pelo livido beijo da perfidia,
—*Os Miseraveis*—Colossal vingança !!
Auréola que do genio a fronte cinge,
Deifica, immortalisa o nome egregio !

Foi grande teu delirio, Bonaparte,
E grande a insania que cegou-te os olhos !
Icaro, que no vôo beija a terra,
Tentaste, louco ! disputar o lance,
A' aguia altiva que não mede o espaço,
E cahiste de rôjo sobre o lôdo,
D'onde surgiste por fatal acaso !

III

Um povo nas angustias debatia-se,
Opprimido, curvado ao jugo ferreo
Que a seiva lhe sorvia, o sangue, a vida,
E a voz do verbo que electrisa a plebe,
A' queda arrasta o corrompido throno.
Das bellas plagas da formosa *Cid*,
Excelso palco dos pelagios feitos,
Foge o medonho, espavorido espectro,
Transpõe dos *Alpes* as nevadas grimpas,
E as negras azas na espelunca bate,
Da prostituta Roma—asylo digno !
« O progresso é uma lei... disséra o genio,
« Immutavel principio, irrevogavel,
« Que eterno rege das nações a marcha :
« E és do progresso, meretriz c'roada,
« Negro espantalho, desgraçada antithese !

Côrte, 1876.

SENIO

61756



SENIO

Poesia feita por occasião do anniversario da morte de
José de Alencar.

Romeiro que seguiste a trilha d'esse norte,
Onde ha trevas ou luz, ha vida eterna ou morte ?
O' tu, cantor egregio, excelso pensador
Que fulminaste o crime, o erro, o despudor,
E com nobre altivez de uma alma grande, invicta,
A fronte não curvaste aos golpes da vindicta ;
Ah! dize-me, se acaso, o genio foi profundo,
A duvida de Hamleto arremessando ao munlo ? !
Si não fôra illusão do craneo em desalento,
Suppôr o nada allivio ao perennal tormento,
D'um coração rasgado ás settas dessa dôr :
—Replecto de vingança e a transbordar de amor ? !
O' duvida tremenda, eternidade ou nada,
Sem a mente esmagar na tenebrosa entrada,

Quem póde penetrar-te e dar um passo avante ? !
Mas, não, cantor, eu ouço a tua vóz gigante,
Como um protesto vivo á esmagadora idéa
Que torna uma alma crente e ao mesmo tempo alhéa :
—Q'importa de Voltaire a negação atróz
—Que géla os corações e faz tremer a voz,
—Quando n'alma elle tinha o fogo abrasador
—Que ao mundo o obrigava á dar um creador ?
—Q'importa que a materia ao throno seja erguida
—E o relativo estenda a dextra enregelida ?
—Que fação de um bandido o *simite* do Christo
—E abulão Jehovah, por ser painel já visto ?
—Aqui, da esphera em meio, a luz da divindade,
—Eu vejo borbulhar por sobre a humanidade ;
—E quando a grande Obra, a criação sublime
—Começa á s'estorcer nas trevas e no crime,
—O bondadoso pai, de sancto amor replecto,
—A filha de sua alma, o seu prazer dilecto,
—Não deixa perecer ás fauces de um abysmo.
—O' monstros de vaidade, ó monstros de egoismo,
—Que derramais a dôr, o desespero, a morte,
—Nos pobres corações de que roubais a sorte ;
—Ouvi, eu vos imploro, a voz da consciencia
—Que pede :—não quebreis o sceptro da sciencia,

—No erro colossal que proclamais verdade :
—De ser ella o phanal de vossa impiedade !
—Não lhe negueis a essencia, acérrimos atheus,
—A verdade ella diz, mas a verdade é Deus !

Ouvi-te e sinto n'alma o doce lenitivo
Que só nos dão a fé e a crença no Deus-vivo.

E se no meu transporte, á dôr do coração,
Dos olhos meus rebenta o pranto em borbotão,
E' que da patria eu ouço a triste voz, sentida,
Que aos céos inda lamenta a funeral partida !

Profunda é sua magua, a sua dôr extrema,
E o pranto da saudade, o pranto de Iracema,
Derrama sobre a campa, a gelida morada,
Onde d'alma repousa a perola roubada !

E' que da cara esposa, envolta em negro véo,
Eu vejo a fronte erguida á interrogar o céu ;
E os tenros rebentões, as louras criancinhas,
Por entre a multidão á desfilar, sosinhas !

Que fazem ? Onde vão ? dos anjos qual o trilho ?
O pranto da innocencia, as lagrimas de filho,
Saudosos vão levar á quem lhes dera um nome,
Que o seculo respeita e o tempo não consome !

E' que do sabiá, o languido cantor,
Eu ouço na floresta uma canção de dôr.

Oh ! desespero, oh ! magua, o pobre passarinho,
Já não escutas mais, já não lhe dás carinho !
Não vês ? a branca flôr, a candida açucena,
Em goivo se tornou. O' doce brisa, amena,
Embalde murmurais em torno á flôr mimosa,
Já não tem mais frescor a pudibunda rosa !
O monte, a serra, o valle, a natureza inteira
De luto se cobrio, á hora derradeira,
Em que soltaste d'alma a despedida atróz.
O' morte, ó dura morte, ó negra sombra, apóz
Um scintillar de genio, á descambar na historia,
Porque roubaste á patria a fulgurante gloria ?
Foi cedo, muito cedo ! á orbita gigante
Descripto inda não tinha aquelle genio atlante.
O gyro estava em meio, oh ! quantos sóes ainda,
Terião de eclipsar-se á irradiação infinda,
Da estrella, que ao surgir, no vasto céu da idéa,
Um traço assignalou na lucta gigantéa,
Que ha seis mil annos trava o pensamento humano,
Em busca da verdade, e em batalhar insano.
Cortaste d'aguia o vôo ás regiões da luz,
A' esphera que derrama, em borbotões, a flux,
Os louros do porvir, os divinaes poemas,
Conquistas da razão nas pugnas extremas.

Porque privaste o genio, o coração d'eleito,
Das honras immortaes do portentoso feito
Que ás glorias do passado um pedestal erguia ?
N'aquelle craneo, ó morte, um mundo enorme havia,
Do qual jorrava a luz, em catadupas, tanta,
Que as trevas espancou da estrada sacrosancta
Que as gerações conduz ao templo esplendoroso,
Que tem da liberdade o portico ditoso.
A méta estava além, mas ah, q'importa um passo,
Ao astro que não mede a vastidão do espaço ?
Um pouco mais de vida e deslumbrante aurora
Viria annunciar a memoravel hora ;
A hora em que sagrando, a humanidade, um genio,
A patria em commoção bradasse ao mundo — Senio !

Alto-Uruguay—1881.

Rimas innocentes, leitura para homens.....	18000
Rimas poeticas, collecções de poesias livres.....	18000
A revolução, poema, heroe-comico, cujo assumpto é a revolução de Maria da Fonte.....	18000
JOSE AVILA DE MIRANDA OSORIO	
Primeiras estrophes.....	18000
J. CUNHA CARDOSO	
Depois do trabalho.....	28000
BRUNO SEABRA	
Cinzas de um livro.....	8400
RAMOS DA COSTA	
Scintillações.....	18000
ERNESTO RABELLO	
Contos e poesias Acorianas.....	18000
CASTRO ALVES	
Espumas Fluctuantes, edição popular com 22 poesias novas, 1 bello v.....	18000
CASTRO LOPES	
Resurreições.....	28000
THEOPHILO DIAS	
Lyra dos Verdes annos.....	18000
SYLVIO ROMERO	
Cantos do fim do seculo.....	28000
GUIMARÃES	
Cantico dos canticos.....	8200
ANTONIO CUBA	
Rabiscos.....	18000
THOMAZ RIBEIRO	
A judia.....	8200
MACHADO DA CUNHA	
Dentadas, satyras e epigrammas, com uma introdução de Francisco Cabral.....	18000
MANOEL PESSOA DA SILVA	
Marquez do Paraná, poema.....	28000
MANOEL ODORICO MENDES	
Illiada de Homéro em verso portuguez.....	38000
PADRE CORREA DE ALMEIDA	
Satyras e Epigrammas.....	18000
A Republica dos tolos, poema heroico-comico-satyrica	28000
Sorpresa Poetica, recitativos.....	8200

MARIO	
Versos, com introdução do Sr. Tapajoz.....	1\$000
FRANCISCO DE PAULA BRITO	
Poesias.....	2\$000
Fabulas organisadas em quadras.....	1\$000
PEREIRA REGO	
Auroras e sombras, poesias lyricas.....	2\$000
ANTONIO JOAQUIM ALVARES	
Horas Vagas.....	1\$000
FREDERICO JOSE' CORREIA	
Inspirações poeticas.....	2\$000
SARMILHÃ	
O suppliciado.....	1\$000
XAVIER DA SILVA	
Quadros naturaes, 1 v. enc.....	2\$000
C. DIAS	
Preludios lyricos 1 v. enc.....	3\$000
VALENTIM MAGALHÃES E H. M. GALHÃES	
Vida de seu Juca, parodia á morte de D. João, de Guerra Junqueiro.....	2\$000
MANOEL BENICIO FONTINELLE	
Satanópolis, poema.....	2\$000
MUCIO TEIXEIRA	
O inferno politico.....	\$100
PEDRO LUIZ	
Voluntarios da morte.....	\$500
MONTEIRO	
Elisia poetica ou collecção de poesias modernas de autores portuguezes, obra rarissima e estimada, 5 v.	15\$000
JOAQUIM JOSE' TEIXEIRA	
Fabulas.....	2\$000
Versos.....	3\$000
MORAES SILVA	
Scintillas.....	1\$000
AUGUSTO EMILIO ZALUAR	
Uruguayana.....	\$500
ANTONIO FELICIAN DE CASTILHO	
Os ciumes do Bardo, poema.....	\$200
Os amores de Ovidio. 1 ^a vol.....	10\$000
CAETANO FILGUEIRAS	
Idylls.....	2\$000

No prelo

A morte de D. João por Guerra Junqueira, 1 v.....	1\$500
---	--------

